

A NATUREZA INTERGENÉRICA DO SCRAP*

Vicente de Lima-Neto (Hiperged/UFC)¹

Resumo: Neste artigo, apresentamos nosso projeto de dissertação em andamento no Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFC. O objetivo é analisar a prática discursiva dos *scrap*s do Orkut considerando as relações entre o fenômeno da intergenericidade e os propósitos comunicativos que orientam essa prática. Para atingir esse objetivo, adotaremos uma pesquisa com caráter etnográfico, já que participaremos ativamente da comunidade dos *orkuteiros* e nos relacionaremos com as pessoas que produzem e lêem aquele gênero, de forma que nos seja permitido captar dados e informações de como tais usuários reconhecem (se reconhecem) determinados padrões genéricos que lhes são apresentados por meio do *scrap* do Orkut. Nossa hipótese é a de que quanto mais coexistirem traços de estilo e de estrutura composicional de gêneros diversos em um único *scrap* do Orkut, mais complexa é a tarefa de estudar o seu propósito comunicativo. Além disso, há de se verificar que a interface hipertextual do Orkut permite que um maior número de padrões genéricos sejam utilizados na constituição do *scrap*, tornando-o uma das práticas discursivas com formação das mais complexas da *Web*.

Palavras-chave: Práticas discursivas; intergenericidade; propósitos comunicativos.

Considerações Iniciais

Alguns dizem que a chegada a Internet produziu uma verdadeira revolução na linguagem (CRYSTAL, 2005). Para nós, a verdade é que a partir do advento da Internet em 1995 (no Brasil), um novo capítulo da história da análise de gêneros começou a ser escrito, pois, como novo meio de comunicação, trouxe uma produção de textos cada vez maior, graças à natureza do suporte digital: a tela do computador. Conseqüentemente novos gêneros passaram a se formar, de forma que atendessem à grande demanda de usuários que precisavam se comunicar pela rede mundial de computadores. Esses “gêneros emergentes” passaram a ser conhecidos por gêneros digitais (CROWNSTON e WILLIAMS, 1997).

Em 2004, com o avanço das comunidades discursivas virtuais, surgiu o site de relacionamentos Orkut², que trouxe consigo mais uma porção de gêneros vinculados a ele, utilizados 24 horas por dia por milhares de internautas de todo o mundo, como, por exemplo, os fóruns de discussão, os *profiles*, os depoimentos, o *chat* e o *scrap*, todos transmutados pela web de outras esferas da comunicação humana. Logo, o nosso interesse no Orkut é o fato de ele ser um espaço de interação que proporciona uma grande mescla de gêneros.

Dentre as construções genéricas que habitam o espaço sócio-comunicativo do Orkut, sobressai-se o *scrap*, o objeto de estudo deste trabalho, prática discursiva surgido pela transmutação de vários gêneros do ambiente não digital. Diante da grande mistura de semioses e esferas comunicativas

proporcionadas pela hiperesfera digital e com o avanço da *Web 2.0*, a prática discursiva do *scrap* passou a se constituir intergenericamente, já que ali, num espaço antes destinado somente a mensagens de cunho epistolar, passa agora a existir um verdadeiro amálgama entre gêneros das mais variadas esferas da comunicação humana, já que, por ele, passam todo dia milhares de “orkuteiros” que trocam mensagens, postam fotos, discutem, batem papo, fazem anúncios etc.

Com base nessas considerações, nosso projeto de dissertação busca analisar, primeiramente, que articulações podem ser feitas entre a coexistência de traços estilísticos e composicionais de gêneros diversos que compõem o *scrap* do Orkut e a tarefa de estudar os seus propósitos comunicativos realizados nessa prática discursiva. Esta questão, considerada a espinha dorsal de nosso trabalho, é iluminada pela hipótese segundo a qual estudar o propósito comunicativo do *scrap* se torna mais complexo à medida que há uma maior mescla entre os traços de estilo e estrutura composicional de gêneros que lá aparecem. Desse modo, analisar a complexa prática discursiva que é o *scrap* contribuirá para um melhor estudo de análise dos gêneros digitais e, principalmente, da intergenericidade, fenômeno que parece ser inerente a qualquer gênero.

1. Fundamentação Teórica

Para fundamentar nossa pesquisa, vamos nos deter numa tríade de conceitos pilares do nosso

trabalho: de hipertexto, já que é nele que se encontra o nosso objeto de estudo, o *scrap*; de intergenericidade, que é o conceito sob o qual nosso trabalho pretende tratar; e o de propósito comunicativo, que é, segundo Askehave; Swales (2001) e Swales (2004), ainda o critério privilegiado na definição de um gênero.

1.1 Do Hipertexto

As maiores divergências sobre hipertexto ainda se fundamentam no seu conceito. Apesar de ser um termo técnico há muito utilizado na informática, passou a ser estudado pela Linguística a partir do momento em que se verificou que ele estava na base da comunicação mediada por computador (CMC).

No Brasil, atualmente, existem duas correntes no tocante ao estudo do hipertexto: de um lado, aqueles que defendem que o hipertexto em si não tem nada de novo, a não ser a diferença no suporte e na forma e rapidez de acesso (KOCH, 2005; POSSENTI, 2002; COSCARELLI, 2003, 2005, 2006, 2007; RIBEIRO, 2005, 2008); de outro, os que defendem que o hipertexto possibilita um novo modo de enunciação: o digital (XAVIER, 2002, 2007; ARAÚJO, 2003, 2006; KOMESU, 2005a, 2005b; BRAGA, 2003, 2005), que “tende a produzir, em seus hiperleitores, percepções jamais antes experienciadas em qualquer outro modo de enunciação analógico” (XAVIER, 2002, p. 29)

Neste trabalho, faremos a opção de seguir a conceituação de Xavier (2002, p. 97), para quem “o hipertexto on-line é uma **tecnologia enunciativa** que viabiliza o surgimento do modo de enunciação digital, uma nova forma de produzir, acessar e interpretar informações”, e não o próprio modo de enunciar digitalmente. Ao que parece, existe, mesmo entre os lingüistas que defendem que o hipertexto traz novidades, uma certa polissemia acerca do conceito, pois há autores que defendem o hipertexto como sinônimo de modo de enunciar. Komesu (2005a, p.98), por exemplo, define hipertexto como

um dispositivo, ao mesmo tempo, material e intelectual, que permite, mediante os links nele indexados, acessar os demais hipertextos que circulam na Internet, criando, dessa maneira, estruturas textuais que são atualizadas pelas práticas e pela história individual de cada leitor. O hipertexto não é um suporte material ou um único texto, mas **uma prática multimodal que envolve os processos de escrita e de leitura atualizados na tela do computador.** [grifos nossos]

Veja que, além de um dispositivo, fruto da tecnologia, a autora considera o hipertexto como uma

prática multimodal propriamente dita, ou seja, neste caso, o hipertexto é o próprio modo de enunciação digital, uma “prática multimodal”. Gomes (2007, p. 26), também compactua com o mesmo ponto de vista de Komesu:

o hipertexto é aqui considerado como **o local e o resultado** da interação ativa, verbal ou não, entre interlocutores, que dialogicamente nele se constroem e são construídos. (...) acrescentamos sua existência exclusivamente eletrônica e a presença incondicional de links [grifos nossos].

Ou seja, “local e o resultado”, para Gomes, equivale a dizer que o hipertexto é tanto produto (modo de enunciação permitido pela tecnologia que é o hipertexto) quanto processo (o próprio modo digital de enunciar).

Para nós, um modo de enunciar (seja ele visual, auditivo, ou verbal são possíveis por meio de uma determinada tecnologia, esta sim chamada de tecnologia enunciativa. Por isso, Xavier traz a escrita como tecnologia necessária para que haja um modo de enunciação verbal; imagens acústicas e dinâmicas como tecnologias para um modo de enunciação visual e o hipertexto como tecnologia enunciativa para um novo modo de enunciar, o digital.

Frente ao debate acadêmico sobre o tema, faz-se mister estudar o hipertexto neste trabalho para fundamentar os nossos três objetivos específicos: no primeiro - realizarmos o mapeamento dos padrões genéricos que constituem os *scraps* - precisaremos conhecer os diversos caminhos do hipertexto que é o Orkut; no segundo - relacionar a coexistência de padrões genéricos na constituição do *scrap* à hibridização semiótica propiciada pela interface do Orkut -, temos em mente que a mescla de signos é muito mais palpável no hipertexto, o que poderá propiciar a composição de uma prática discursiva intergenérica em sua natureza; no terceiro - para verificar a caracterização dos propósitos comunicativos dos *scraps* a partir dos usos que seus produtores/leitores fazem dos mais variados recursos disponibilizados pelo ambiente para terem seus PC atingidos - não precisaremos conhecer só o hipertexto, mas também o conceito de Web 2.0, que é a responsável por permitir essa variação nos recursos do Orkut.

1.2 Da intergenericidade

Falar de intergenericidade pressupõe falar de intertextualidade. Quando um gênero mantém relações com outro gênero, seja quanto à forma

composicional, ao conteúdo temático ou ao estilo, temos aí, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007) a intertextualidade intergenérica. Dentro da tipologia estabelecida pelas autoras¹, a intertextualidade intergenérica não se enquadra nem na *lato sensu*, nem na *stricto sensu*, mas sim teria características das duas, ficando, então, em um meio termo. Muitas vezes, sequer há relação entre textos efetivamente, mas sim entre formas de gêneros, o que não configuraria aí uma intertextualidade.

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007), a intergenericidade ocorre quando um gênero exerce a função de outro. Então, neste trabalho, é este o conceito que adotaremos, por alguns motivos. Quanto à questão da nomenclatura, dizer que existe uma intertextualidade inter-gêneros (MARCUSCHI, 2002) pressupõe dizer que a relação entre gêneros se dá apenas no nível de texto, o que não é verdade. Podem existir relações entre estruturas formais de gêneros, de forma que um gênero se aproveite da estrutura do outro para atingir determinado propósito comunicativo. Aí não haveria uma “intertextualidade”, entendida como relação entre dois textos.

Adotamos o termo *intergenericidade*, pois, nesta pesquisa, trabalharemos gênero numa perspectiva sócio-retórica, esta melhor adaptada na linha de pesquisa de Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Há quem faça confusão entre o fenômeno da transmutação e o da intergenericidade. Para nós, consideramos aquela como uma categoria diacrônica, devendo ser verificada no decorrer da “evolução” de um determinado gênero e, muitas vezes, até a mudança desse gênero para um outro domínio discursivo, ao passo que esta deve ser sincrônica, ou seja, deve ser possível verificar, em um mesmo gênero, traços de pelo menos dois gêneros distintos, sempre atentando para o propósito comunicativo geral que se quer atingir, pois, na maioria das vezes, ele será o responsável pela definição do gênero. Por esse tipo de posicionamento, procuramos distinguir ambos os fenômenos, mas incluí-los num fenômeno maior que chamamos de *hibridização genérica*, já que ambos, de certa forma, misturam gêneros, a fim de que a confusão conceitual seja, ao menos, amenizada.

1.3 Dos propósitos comunicativos

Swales (1990) considerava a existência de propósitos comunicativos (doravante PC) em comum o principal critério que transforma um grupo de eventos comunicativos em um gênero particular.

Segundo esse autor, tais propósitos são reconhecidos pelos membros de uma comunidade discursiva² e constituem a razão do gênero. Simplificando, o PC, para Swales (1990), é o maior critério definidor do gênero, capaz de determinar não só a forma, mas também as escolhas relativas ao conteúdo e ao estilo.

É fato que trabalhar PC no Orkut não será uma tarefa simples, tendo em vista ser um site de relacionamentos que não escolhe público, já que crianças e adultos, instruídos ou não, das mais variadas classes sociais, constroem o *scrap* de forma tão complexa, o que torna a previsibilidade de um suposto propósito comunicativo imprevisível. Por isso cabe aí estudar tal conceito para dar conta do nosso terceiro objetivo específico, que é caracterizar os PC dos *scraps* a partir do olhar que os usuários têm desse gênero emergente. Uma de nossas hipóteses é que o produtor/leitor dessa prática discursiva fará uso dos diversos padrões genéricos que conhece e que estão disponíveis na interface do Orkut, tudo com o intuito de atingir determinado propósito comunicativo. Logo, muito provavelmente não poderemos analisar minuciosamente uma relação intergenérica sem analisar o PC (ou o conjunto de) ali presente.

2 Metodologia

2.1 Caracterização da pesquisa

Nossa pesquisa é classificada como descritiva, já que temos o intuito de descrever a constituição do *scrap* a partir da coexistência de múltiplos estilos e estruturas composicionais de outros gêneros.

Adotaremos o método de procedimento de cunho etnográfico, pois, para entendermos o funcionamento do *scrap*, precisaremos nos inserir diretamente na comunidade dos *orkuteiros*, que participa diariamente do site de relacionamentos Orkut, e nos relacionarmos com as pessoas que produzem e lêem aquele gênero, de forma que nos seja permitido captar dados e informações de como tais usuários reconhecem (se reconhecem) determinados padrões genéricos que lhes são apresentados por meio do *scrap* do Orkut.

2.2 Delimitação do Universo

Para atender aos três objetivos específicos de nossa pesquisa, sugerimos duas etapas para a delimitação do universo: num primeiro, teremos o site de relacionamentos Orkut, aqui considerado como

um ambiente que agrega, nos dizeres de Miranda (2007, p. 67), “vários gêneros emergentes, alguns explícitos, como o e-mail, e outros ‘camuflados’, como a lista de discussão (...), o blog, o fotolog (...)”. Logo, serão retiradas amostras da prática discursiva *scrap* do hipertexto *orkutiano*. Nele, será permitido fazer o mapeamento das construções genéricas que perpassam o *scrap*, atendendo ao primeiro objetivo específico, e, logo depois, relacionar a coexistência de traços estilísticos e composicionais de gêneros diversos na constituição intergenérica do *scrap* à hibridização semiótica propiciada pela interface do Orkut, atendendo ao segundo.

Para a execução da segunda etapa, após já ter uma amostra significativa de *scraps*, teremos como universo o grupo de internautas que freqüentam o Orkut, com fins de atingir o nosso terceiro objetivo específico. Estes internautas, que durante todo o trabalho estamos chamando de *orkuteiros*, se caracterizam por visitar Orkut pelo menos uma vez por semana e, principalmente, por ler/produzir *scraps* constantemente.

2.3 Coleta dos dados

Teremos, então, dois procedimentos para atingir nossos objetivos específicos. Um primeiro consistirá no recolhimento, no espaço virtual Orkut, de uma amostra de não menos do que 30 *scraps* e não mais do que 50, que devem seguir os seguintes critérios:

§ Os *scraps* devem conter traços de mais de um padrão de genericidade³ em sua constituição, já que o fenômeno da intergenericidade se constitui quando se verificam mais de um gênero num mesmo evento comunicativo;

§ Os *scraps* considerados para a pesquisa serão somente os trocados entre amigos e/ou conhecidos. Não nos interessarão aqueles que são enviados e/ou recebidos a contra-gosto, como *spams* e propagandas eróticas, tendo em vista o fato de estes *scraps* serem enviados, muitas vezes, para disseminar vírus, o que não nos permitiria atingir o terceiro objetivo específico, já que intentamos analisar tal prática discursiva sob o ponto de vista, também, dos produtores dos *scraps*.

No que concerne ao terceiro objetivo específico, convidaremos por e-mail alguns usuários do site de relacionamentos para responder um questionário⁴ acerca dos padrões genéricos que aparecem no Orkut. Essa técnica, utilizada por Xavier (2002) e Araújo (2006), teve sucesso nessas pesquisas, ambas voltadas para o estudo no ambiente digital.

Caso aceitem, também por e-mail repassaremos o questionário de forma que nos seja permitida uma visão geral de como os usuários enxergam (e reconhecem) os *scraps* que lhes chegam. Com isso, esperamos reunir informações necessárias acerca da recepção do propósito comunicativo por parte dos próprios usuários do gênero estudado, com o fim de analisar as relações intergenéricas constitutivas do *scrap*.

2.4 Procedimentos

Boumard (1999, p.1) apresenta procedimentos adotados pela etnografia que nos interessa. O primeiro, para o autor, é **observar o campo**, o que atrelamos ao nosso primeiro objetivo específico, já que nos permitirá observar o campo de estudo e fazer uma triagem, descrita na subseção anterior, de forma que possamos mapear os diversos padrões genéricos que co-ocorrem no *scrap* do Orkut. Esperamos, com tal mapeamento, encontrar *scraps* que tenham sido efetivamente produzidos por um *orkuteiro* e que este tenha tido a consciência de se utilizar dos recursos disponibilizados pelo ambiente para mesclar gêneros, de forma que atinjam o seu propósito comunicativo.

De posse dos dados que o mapeamento nos permitiu chegar, poderemos passar a um segundo momento de nossa análise, o qual se associa ao segundo passo proposto por Boumard (1999, p.2), qual seja: descrever a situação. Relacionar os padrões genéricos que se encontram no Orkut à hibridização semiótica propiciada pelo meio e descrevê-los nos dará uma visão clara de como a intergenericidade no *scrap* acontece, pois serão captados dados reais, de uso efetivo da língua, em determinado tempo.

Com o mapeamento e a descrição do nosso objeto, passemos ao terceiro procedimento, que Boumard (1999, p. 3) chama de interpretação das interações. É aqui que concordamos com o autor, que também sugere a entrega de questionários aos sujeitos da pesquisa. Faremos isso com os *orkuteiros*, de forma que possamos ter, como diz o autor, um

movimento pendular metodológico entre o ponto de vista do investigador e o dos atores [e possamos] reconhecer uma multivetorialidade da análise em cujo processo aqueles a priori do investigador são questionados da mesma maneira que os pontos de vista dos atores (BOUMARD, 1999, p. 4).

As respostas dos questionários que serão enviados aos sujeitos nos permitirão conhecer o ponto de vista dos usuários daquele gênero, de forma que possamos caracterizar mais fielmente, já com base na descrição e análise do nosso corpus, os propósitos comunicativos do *scrap* a partir dos usos que seus leitores/produtores fazem dos diversos padrões genéricos constituídos hipertextualmente pela interface do Orkut.

3 Previsões e considerações (ainda distantes de serem) finais

Creditar aos propósitos comunicativos a definição adequada de determinado gênero discursivo tem sido um tanto quanto impróprio na área análise de gêneros, conforme problematizam Askehave e Swales (2001) e Swales (2004). Ambos os autores e Bhatia (1993, 1997), também inquieto no que diz respeito ao conceito de propósito comunicativo, sugerem metodologias próprias voltadas para a análise de gêneros. No nosso caso, buscamos verificar como a relação padrão genérico/PC funciona foi exatamente estudar o *scrap*, essa prática discursiva de formação tão complexa. Nossa expectativa é encontrar, ao fim da pesquisa, propósitos comunicativos difíceis de serem definidos em virtude da coexistência de estilos e estrutura composicional de gêneros diversos em um único *scrap*.

Estudar a natureza intergenérica do *scrap* permitirá entender melhor como se dá a relação entre gêneros no ambiente digital, este já híbrido por natureza. Em função dos avanços das interfaces gráficas, esse espaço de múltiplas práticas de linguagem permite misturas de variada ordem. A Internet admite, por exemplo, o encontro e, por vezes, a co-existência de vários domínios discursivos, como o jornalístico, o publicitário, o pedagógico, para citarmos apenas estes - daí o fato de chamarmos a *Web* de uma hiperesfera, pois comporta as mais variadas esferas da comunicação em si, de forma que estas coexistam harmoniosamente -; a co-ocorrência de diferentes semioses que se mesclam entre escrita, som e imagem nos diversos gêneros digitais; e a mescla de muitos padrões genéricos, permitida pela própria natureza do ambiente digital, no qual as misturas são flagradas com muito mais facilidade.

Estudar o propósito comunicativo do *scrap* se torna mais complexo à medida que há uma maior mescla entre os traços de estilo e estrutura

composicional de gêneros que lá aparecem. Desse modo, analisar a complexa prática discursiva que é o *scrap* contribuirá para um melhor estudo de análise dos gêneros digitais e, principalmente, das relações intergenéricas, fenômeno que parece ser inerente a qualquer gênero.

Em função do que aqui se apresentou, olhar para a riqueza lingüística que pode se tornar (ou que já é) o Orkut e analisar metodicamente o *scrap* permitirá contribuir para um melhor estudo de análise dos gêneros digitais e, principalmente, das relações intergenéricas, fenômeno que parece ser inerente a qualquer gênero.

4 Referências

- ASKHAVE, I. & SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**. OXFORD, UK, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.
- ARAÚJO, J. C. **Chat na Web**: um estudo de gênero hipertextual. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, 2003.
- _____. **Os chats**: uma constelação de gêneros na Internet. Tese (Doutorado em Lingüística). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, 2006.
- BHATIA, V. K. **Analysing genre**: language use in professional settings. London: Longman, 1993.
- BOUMARD, P. **O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas**. 1999. Disponível em: < <http://www2.ccb/psicologia/revista/texto1v1n22.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2008.
- BRAGA, D.B. A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente hipermídia. **Revista da ANPOLL**, n.15, p. 65-85, jul/dez. 2003.
- _____. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L.A. e XAVIER, A.C. (Org.). **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Lucerna: Rio de Janeiro, 2005.
- COSCARRELLI, C. V. Espaços hipertextuais. In: MORTIMER, E. F. e SMOLKA, A. L. B. (Coord.). **Anais do II Encontro Internacional de Linguagem, Cultura e Cognição**, FAE - UFMG, BH, jun. 2003. CD-ROM.
- _____. Da leitura de hipertexto: um diálogo com Rouet et al. In: Araújo, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 109-123.
- _____. Entre textos e Hipertextos. In: COSCARRELLI, C. V. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. Hipertexto: quem ensina o quê? **Revista Língua Escrita**, n. 2, dez. 2007.
- CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Edições, 2005.
- CROWNSTON, K. e WILLIAMS, M. **Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide Web**.

Proc. of the 30 Hawaii Intern. Conf. on System Sciences, USA, 1997.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, BENTES e CAVALCANTE. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Pensar em Hipertexto. In: Araújo, J.C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a. p. 87-108.

_____. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet. 2005b. Tese. (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005b.

PAGANO, A. S. Gêneros Híbridos. In: MAGALHÃES, Célia (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Estudos Lingüísticos. v. 2. Belo Horizonte: POSLING-UFMG, 2001. p. 83-103.

POSSENTI, S. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 20, p. 59-75, 2002.

MIRANDA, T. P. **A dança dos referentes no espaço virtual da linguagem**: uma análise dos processos referenciais nas comunidades do Orkut. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, 2007.

RAJAGOPALAN, K. Sobre a instabilidade dos gêneros. **Anais do 2º Congresso Internacional da Abralín**. Fortaleza: Edições UFC, 2001. p. 187-189.

RIBEIRO, A. E. Os hipertextos que Cristo leu. In: ARAÚJO, J. C. e BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 124-130.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. Re-thinking genre: another look at a discourse community effects. In: **Re-thinking Genre Colloquium**, Carleton University, Ottawa, 1992.

_____. **Research Genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TODOROV, T. A origem dos gêneros do discurso. In: _____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

XAVIER, A. C. **O Hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, 2002.

_____. *A dança das linguagens na Web: critérios para a definição de hipertexto*. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007. p. 199-210.

(notas)

¹A saber, a *lato sensu*, a qual reside na constatação de que “qualquer texto se constrói como um mosaico de **citações** e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, *apud* KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p. 85), e a *stricto sensu*, que “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2007, p.17).

² Para Swales (1992), uma comunidade discursiva é um grupo sócio-retórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos.

³ Chamamos “padrão de genericidade” os traços estilísticos, composicionais e conteudísticos prototípicos de um determinado gênero discursivo.

⁴ O questionário, ainda em fase de elaboração, está em discussão com o orientador do projeto.